Formas de corrupção

16 AGO 1995

Johann Graf Lambsdorff, professor de economia que acaba de coordenar pesquisa para tentar quantificar os níveis de corrupção em 41 países, constatou que há muitos sistemas diferentes de corrupção, ou culturas da corrupção, estabelecidos no mundo. Daí a corrupção não poder ser medida apenas em subornos, mas também no modo que as relações pessoais, familiares e étnicas são usadas. O Brasil é o quinto país mais corrupto da lista, que foi obtida, segundo o próprio coordenador dos trabalhos, de maneira impressionista. Isto é, não existe ciência capaz de medir as potencialidades e realizações emanadas do lado escuro da alma humana. Assim, o palpite envernizado por metodologia plausível acaba servindo para satisfazer as necessidades de mensurar e hierarquizar a corrupção. E, não havendo ciência envolvida, basta que se apresente outro palpite para contradizer os resultados da pesquisa ou, quem sabe, resgatar honras nacionais enodoadas pela imputação de corrupção.

O Brasil ainda tem longo caminho a percorrer para sair da lista das nações mais corruptas da Terra

No caso do Brasil, bastaram 24 horas para que os humores mudassem. Quem se sentiu indignado pela manhã, ao conhecer pelo jornal o papel e a posição do Brasil neste duvidoso ranking, e disposto a demonstrar que nada disso é verdade — ou melhor, foi, já não é mais — teve de engolir em seco, horas mais tarde, ao ouvir a notícia da solução "encontrada" pelo governo para o caso do Banco Econômico, que examinamos acima. Pois não é que Graf Lambsdorff tem razão? Corrupção não é necessariamente suborno, concussão, extorsão. Estas são suas formas grosseiras, mas nem por isso mais perversas. Pior é quando formas mais sutis de perda dos padrões éticos se entranham pelo corpo da sociedade e nos membros da classe política, levando uns e outros a promover pressões para que se dê a bens privados mal administrados o tratamento reservado ao resguardo dos bens públicos, e outros e uns a aceitar tais pressões como alternativa a uma eventual crise política. Se a transmigração do privado para o público, para salvar o privado, é tida como socialmente aceitável, por quais razões o caminho inverso deveria ser condenado?

E aí temos o Brasil catalogado como o quinto país mais corrupto de uma lista de 41, sem que os brasileiros de bem possam argumentar quanto à justiça da classificação. Seria, aliás, o caso de se pedir um pouco mais de rigor classificatório, já que nos últimos dias voltou às páginas dos boletins de ocorrência em que se estão transformando os diários brasileiros uma modalidade de delito que se acreditava superada nos governos passados: o furto da esperança, o esbulho da crença no futuro melhor, mais digno. Decente.

Recomendamos a Graf Lambsdorff que venha completar no Brasil seus estudos sobre a corrupção, aquela que, segundo ele, deriva das relações de amizade, parentesco, compadrio. Verá que aqui o bem público é conceito de fácil inversão quando colocado diante de bens privados em risco. Verá, também, em que circunstâncias a mera suspeita de tráfico de influência se torna crime hediondo, inadmissível sob a óptica de quase todos os políticos eleitos pelo voto popular para cargos federais; e o comprometimento efetivo de centenas de milhões de dólares entesourados à custa do suor dos contribuintes, em favor de indivíduos e empresas que escolheram o melhor rendimento e o maior risco, passa a ser missão nobre e necessária, elevada à condição de salvadora da unidade nacional.

Venha Graf Lambsdorff examinar *in loco* como pessoas que criticavam a utilização de recursos públicos — desviados de obras de infra-estrutura, educação e saúde — para salvar bancos e empresas privadas agora salvam bancos e empresas privadas com dinheiro público que fará falta para infra-estrutura, saúde e educação. Verá que mais conservador que um conservador no poder é um social-democrata que descobre o caminho da paz política no sacrifício das causas que pavimentaram a estrada para o Palácio do Planalto. Verá, finalmente, que, a despeito de todas as transformações, ainda é preciso puxar as pernas das calças para tapar buracos na meia.

ESTADO DE SÃO PAULO

ESTADO DE SÃO PAULO